

“UM GOSTO DE QUERO MAIS”: UMA ANÁLISE LITERÁRIA

Regina Marta Fonseca Gonçalves¹
Carmem Sidneia Bonfanti da Silva²
Simone Léa Marques Barreto³
Sonia Maria Dornellas Morelli⁴

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar alguns recursos inovadores utilizados na Literatura Infanto-Juvenil. Para a realização das idéias, tomamos como base a obra *Um Gosto de Quero-Mais* de Sonia Salerno Forjaz que tem como tema a gravidez na adolescência. Alguns aspectos foram analisados mediante teorias críticas de vários estudiosos. O ambiente familiar é analisado sob duas vertentes: em uma aparece a família aberta para o diálogo, em outra os pais têm idéias conservadoras. A busca da identidade é bem colocada pela autora. Apresenta também uma análise da interferência da Cultura de Massa, nessa literatura. A estética da obra, bem como o vocabulário típico dos adolescentes e as ilustrações, as mais variadas possíveis são criteriosamente observadas. Como o grande enfoque do trabalho é a Indústria Cultural, correlacionando todos os aspectos analisados, acreditamos que este colabora trazendo formas novas para despertar a curiosidade dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-Juvenil, Indústria Cultural, inovações.

SÍNTESE DA OBRA: “UM GOSTO DE QUERO MAIS” aborda relacionamentos e descobertas de meninas de catorze e quinze anos. Cely e Darlene são filhas únicas de famílias de classe média, cujos pais pertenceram à geração de 68, época dos hippies e do engajamento político. Ambas as famílias investem na educação formal das filhas, cujo sonho é velas com um diploma na mão e bem-sucedidas profissionalmente. A família de Cely, mais liberal, investe também no diálogo do dia-a-dia, ouvindo a filha e opinando a respeito dos mais diversos assuntos do universo da menina. A família de Darlene, mais tradicional, proíbe assuntos e comportamentos que não condizem com seus valores, considerados antiquados pela filha. Cely e Darlene, amigas inseparáveis na escola e fora dela, trocam confidências a respeito da vida, amor e sexo. Numa dessas conversas, Darlene conta que está namorando; em outra, fala sobre intimidade no namoro e, por fim, desesperada, confia a Cely que está grávida. Cely participa então do drama da amiga, incentivando-a a contar para seus pais. Imaginando a reação do pai, Darlene esconde sua gravidez, tentando adiar um problema inadiável. Sua mãe acaba descobrindo. Num primeiro momento, a esperada tempestade familiar. Num segundo, o apoio à filha e ao namorado. Darlene e Beto, seu namorado, passam a morar juntos na casa dela e ambos são obrigados a mudar de vida; trabalhar durante o dia, estudar à noite, abrir mão de festas e da irresponsabilidade própria da adolescência. A experiência de Darlene contribui para o amadurecimento de Cely e de outras colegas.

Ao pesquisar a Literatura Infanto-Juvenil, entramos em contato com as transformações ocorridas, resultado da busca de autores para uma forma contemporânea de concretização de suas obras. Percebe-se que alguns recursos inovadores na Literatura Infanto-Juvenil estão cada vez mais ligados à Indústria Cultural.

A obra em estudo “UM GOSTO DE QUERO MAIS” de Sonia Salerno Forjaz, publicada pela editora FTD, faz parte da coleção “COM QUEM POSSO CONTAR”. Em 1998 estava na 7ª. edição.

Alguns aspectos da narrativa foram analisados mediante teorias críticas de vários estudiosos. O tema é a gravidez na adolescência, um aspecto social presente na obra que apresenta como protagonistas as adolescentes Cely e Darlene amigas inseparáveis.

Destacam-se três gerações em uma mesma família, cada uma com suas diferenças entre idade x ideologia. Há um questionamento dos valores sociais. É como se a autora procurasse denunciá-los através de uma história. A personagem Cely escreve em seu diário sobre a infância reprimida da avó. “Ela sempre quis estudar mais e o seu pai não deixou.” (p.09) Continua falando da mãe “Viveu com mais liberdade, porém uma liberdade vigiada bem de pertinho.” (p.10) Hoje Cely tem mais oportunidades: “Papai adora investir em educação!” (p.11). As obrigações diárias também mudaram; no tempo da vovó já era difícil: “Já no meu tempo era assim. Trabalhar e trabalhar. Criar filhos, correr com a casa, com a roupa... Não tinha fim.” (p.16) Com a personagem Nancy já é um pouco diferente: “Casas, comida, compras de supermercados, feira... Fora o trabalho das escolas: provas, aulas, apostilas... É demais pra ela.” (p.15). Cely oferece ajuda e a mãe, querendo futuro melhor para a filha, quer que ela estude “- Não, filha, vá estudar que você tem prova hoje.” (p.13) A personagem Cely mostra que pelas conversas que tem com a avó e a mãe já tem uma preocupação, uma ideologia de querer ser mais do que as duas. Percebe que em seu futuro terá algo mais do que elas. “Hoje isso não existe. É preciso ser alguma coisa mais. Temos todas as chances. Educação, informação, mil cursos paralelos...” (p.11)

O crítico Hall(1999,09), ao analisar a identidade moderna, ressalta que “[estas] transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”.

As duas famílias apresentadas pela autora seguem ideologias também diferentes: uma apresenta-se aberta para o diálogo, Cely sabe que pode contar com a mãe quando precisa de conselhos: “...abro apenas uma frestinha. Só o

¹ Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense. reginamarta.goncalves@bol.com.br

² Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense. carmenbonfanti@bol.com.br

³ Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense. jczbarreto@uol.com.br

⁴ Professora Mestre em Letras – Universidade Paranaense-UNIPAR. Sonia@unipar.br

bastante para ela tentar enxergar o problema e me ajudar um pouco,..." (p.09) Fala com a mãe sobre namoro e esta sempre conversa com a filha. "- E eu espero que você não esconda mesmo. Espero que você confie em mim e continue me vendo como sua amiga." (p.55) Já a família da personagem Darlene não tem o mesmo procedimento com a filha: "Se eu falasse com meu pai do mesmo jeito que você, levava a maior bronca e até podia ganhar uns tapas. Meu pai é muito autoritário." (p.23)

Percebe-se que Forjaz coloca um ponto de reflexão sobre como criar os filhos "...-Se a gente solta, está sendo imprudente. Se a gente prende, está sendo retrógrado." (p.95). A autora não deixa de abordar as conseqüências de não se ter diálogo. Após a gravidez de Darlene, seu pai mostra-se arrependido de seus atos "A gente sonha com uma vida pra eles. Eles não querem essa vida. Então pedem ajuda... Daí, nós, os grandes pais, o que fazemos? Somos prepotentes e decidimos por eles." (p.105)

Outro aspecto a ser considerado refere-se à Indústria Cultural. A narrativa tem um total de 139 páginas e está distribuída em vinte e quatro capítulos nomeados. Com fonte normal, mostra o texto da narradora: a convivência de Cely com a família e amigas. Dezenove capítulos não são nomeados. Em itálico, destacam-se os relatos dos acontecimentos que Cely faz em seu diário. À primeira vista, tal procedimento passa despercebido, mas após análise mais detalhada, pode-se observar que parecem ser duas narrativas sobre o mesmo assunto, escritas de forma diferente. Na obra, encontramos, ainda, outra diferença na fonte. Forjaz utiliza para os momentos de atenção especial, mudanças no comportamento do calmo para o mais alterado, quando algo precisa ser dito de uma forma mais forte. Um exemplo é quando Cely diz que gostaria de ser diferente "Ter um TCHAM! Uma coisa especial." (p.09); ou quando Nancy chama para o almoço "VENHAM ALMOÇAAAAR!!!!" (p.16) e, ainda, para mostrar um desequilíbrio emocional "NERVOSA? EU, NERVOSA?" (p.13)

A obra apresenta uma linguagem coloquial e descontraída dos personagens. Como o objetivo da autora é o público Infante-Juvenil, ela coloca de uma forma muito natural e típica dos jovens, observada no diálogo das amigas de colégio falando sobre os namoradinhos: "Quer ficar comigo?" (p.58) "- Tonto ou não ele é gostosão." (p.59) "- Você só precisa saber quando puxar o freio deles." (p.59) "- A seqüência é: ficar, ficar de rolo, depois namorar." (p.60). A autora coloca ainda o diálogo de Cely com seu diário; é como se o mesmo fosse gente: "Bem, com você eu posso ser franca." (p.30).

Destaca-se de forma especial a estratégia do recurso de ilustrações. Em todos os capítulos elas são referentes

ao assunto exposto. Quando, por exemplo, a ilustração é feita com um porta-retratos observa-se um momento de recordações, algo que ficou para trás. No momento de diálogo de Cely com o diário, a ilustração já indica com quem ela está conversando. Analisando as figuras, levamos em consideração a argumentação do crítico Calvino (1990,104): "...são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas..."

Uma forma contemporânea muito bem articulada pela autora é referente ao título *Um Gosto de Quero Mais*. Acredita-se que a autora pensou em melhorar o social, despertar o interesse do adolescente pelo título, pois este faz com que a idéia se volte para a sensualidade, já que o enfoque é a gravidez na adolescência mas, no decorrer da narrativa, a avó de Cely revela que "um gosto de quero-mais" nada mais é do que anseios e desejos de todos os seres humanos. "A verdade é que nós nunca estamos completamente satisfeitos. Fica, em tudo, aquele gosto de quero-mais." (p.32) Este pensamento se completa no final com Cely: "Este é o gosto de quero-mais. Um gosto que não se define, é preciso sentir. É conquistar uma meta enquanto já se quer outra. É não fechar os olhos. É sentir profundamente cheiros, cores e emoções. É amar a vida. É viver!" (p.139)

Correlacionando todos os aspectos analisados, observa-se a preocupação da autora em chamar a atenção do leitor no que diz respeito à responsabilidade sobre nossos atos. Na narrativa a família não desampara a filha grávida e o namorado, mas estes são obrigados a assumir o bebê que vem e abrir mão do tipo de vida que tinham: "Ela trabalha como recepcionista de um consultório médico no período da manhã." "À tarde ela cuida da filha..." "Beto arrumou um emprego na firma de contabilidade do tio." "À noite, Darlene vai para a escola com Beto." (p.132). Tais falas parecem lembrar ao leitor que, também nesta fase, nos tornamos responsáveis por aquilo que fazemos, querendo ou não.

Acreditamos que a Indústria Cultural colabora trazendo formas novas para despertar a curiosidade dos alunos. Problematiza abordando estéticas inovadoras, tornando mais fácil o acesso a estas obras para o público infante-juvenil. E para o bem ou para o mal este tipo de recurso é bem sucedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FORJAZ, S. S. **Um gosto de quero-mais**. 7. ed. São Paulo: FTD, 1998.
- HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DPSA, 1999.